



Lica Sebastião: uma nova voz literária em Moçambique¹

Lica Sebastião: a new literary voice in Mozambique

Paulo Geovane e Silva²

Resumo: Este artigo tenciona apresentar a escritora moçambicana Lica Sebastião, cuja voz literária vem ganhando cada vez maior destaque no panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. Para isso, serão feitas algumas leituras de textos presentes em *Poemas sem véu* (2011), primeiro livro publicado pela autora e em cuja obra a saudade emerge como força singular.

Palavras-chave: Lica Sebastião, saudade, *Poemas sem véu*.

Abstract: This article intends to present the Mozambican writer Lica Sebastião, whose literary voice is gaining more prominence in the panorama of African literatures in Portuguese. For this will be done some reading of present texts *Unveiled Poems* (2011), first book published by the author in whose work the nostalgia emerges as a singular force.

Keywords: Lica Sebastião, longing, *Unveiled Poems*.

Em *Teoria e Metodologia Literárias*, Vítor Manuel de Aguiar e Silva observa que a comunicação literária é “de tipo disjuntivo e de tipo diferido, isto é, realiza-se *in absentia* de uma das instâncias do processo comunicativo” (1990: 83), o que não nos permitiria, a princípio, conceber uma interação linguística por meio da literatura, uma vez que esta comumente elimina uma das instâncias da comunicação, como o emissor ou o receptor, por exemplo. Ora, se não há uma interação linguística, certamente haverá uma outra, referida quase sempre como *estética* e no seio da qual está uma série de outros padrões de comunicabilidade, dificilmente comparáveis aos das práticas languageiras comuns. E, talvez, essa outra forma de comunicação, produzida na e pela literatura, seja um de seus elementos mais singulares.

Não é por acaso que este estudo se inicia com uma reflexão sobre a comunicação literária: num momento em que a literatura produzida por mulheres vem ganhando atenção por parte de alguns setores da instituição literária (cf. REIS, 1950), a voz literária masculina – que se comunica também dentro de um universo relativamente masculino – ainda ganha inegáveis contornos e atenções, de modo que, por mais que a autoria feminina seja estudada, as escritoras ainda ocupam um lugar de ausência ou abstenção discursiva, ainda de acordo com as reflexões de Vítor Manuel de Aguiar e Silva. Assim

¹ Este texto é o desenvolvimento de uma comunicação feita no *Colóquio Sexualidade e Gênero nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2015).

² Professor de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte e doutorando em literaturas africanas de língua portuguesa pela Universidade de Coimbra (Portugal).

sendo, há perguntas que ainda são pertinentes e às quais precisamos voltar muitas vezes: em que instâncias estão as vozes daquelas que compõem a produção das literaturas africanas de língua portuguesa? Para além de um cânone mais ou menos estabelecido para a autoria feminina, quem são essas escritoras, para quem falam e como falam? Qual é a mensagem literária que elas têm para as leitoras e leitores? E, por fim, como estamos estudando essa comunicação literária enunciada por mulheres nos países africanos ditos lusófonos?

As possíveis respostas a tais questões nos levariam a um rumo diferente daquele já apontado por Lourenço do Rosário (2010), que, num ensaio sobre a escrita literária de Paulina Chiziane, chama a nossa atenção para o fato de que “a escrita no feminino pressupõe (...) permanecer num espaço mais restrito, numa perspectiva quase uterina de como uma mãe lida com o seu feto no período de gestação” (2010, 144). Com tais palavras, o professor moçambicano direciona o nosso olhar para a real condição simbólica de significativa parte da produção literária das mulheres. Essa literatura está restrita ao espaço interior da mulher e, mesmo sendo “gerada”, não é vista e nem ouvida, porque está de tal modo silenciada que permanece num estado de subalternidade ou, no melhor dos casos, alcança apenas alguns integrantes desta grande casa chamada *Literatura*.

Ao que parece, ver essa produção e comunicação literárias à luz das teorias de sexo, gênero, agenda *queer* e/ou psicanálise – abordagens as quais devem estar sempre em profunda intercessão com os estudos literários – mostra-se um trabalho tão produtivo quanto urgente, porquanto, no caso das mulheres, as identidades de sexo e gênero já trazem significativos contributos para o melhor entendimento dessa comunicação literária e da instituição – também literária – que, através da escrita, elas, concomitantemente, desconstroem e reconstroem. Se as mulheres têm conseguido passar uma mensagem por meio da literatura, essa comunicação, inovadora porque feita pelo sexo *Outro* (cf. Beauvoir, 2015), deve ser vista também – e não só – pelos aspectos acima, tão necessários à incessante compreensão de parte dos sistemas literários africanos e do lugar que tais produções ocupam no cenário mundial e – obviamente – sob a perspectiva da língua portuguesa.

De fato, e a partir do que nos aponta Silva (1990), é inegável que, se não há uma comunicabilidade pragmaticamente sócio-interacionista na literatura, há, antes, a comunicação. Isto é, a transmissão de mensagens que, não sendo dirigidas a um interlocutor específico, dirigem-se a todas/os aquelas/es que se colocam na postura de leitor/a literário/a. Disto depreendemos que o papel da/o leita/or é fundamental para a

existência da literatura. E é justamente a propósito da instância de comunicabilidade recepção literárias que emerge uma voz na novíssima produção literária de Moçambique: trata-se de Lica Sebastião, pintora e escritora pouquíssimo conhecida nos círculos acadêmicos e que, agora, ganhará um pouco da nossa atenção.

Das poucas referências existentes a respeito de Lica, vale ressaltar alguns dados biográficos da escritora, os quais constam na plataforma *Notícias online*³ (22 de janeiro de 2014), que publicou em sua página alguns textos⁴ de *Poemas sem véu*, o primeiro livro da poetisa, e emitiu a seguinte nota biográfica:

Lica Sebastião nasceu em Maputo, em 1963. Licenciada em Ensino de Português, graduada pelo Instituto Superior Pedagógico (hoje Universidade Pedagógica). Tem editados livros escolares da disciplina de Português para a 11ª e 12ª Classes. “Poemas sem Véu” é o seu primeiro livro de poesia. Faz pintura desde 2006, tendo realizado duas exposições individuais. É membro do Núcleo de Arte, *Maputo*, [e] da Loweld Arts Association, Nelspruit. Participou em várias exposições colectivas.

Dois outros *sites* também fazem referências a Lica, sendo ambas as publicações feitas em 15 de julho de 2011 e com o mesmo texto: o blog⁵ da *Revista Literatas* e o noticiário *O País* (2011), onde se lê:

A poetisa Lica Sebastião lançou *Poemas sem Véu* na mediateca do BCI. O livro prefaciado por Francisco Noa faz uma incursão a diversas sonoridades artísticas.

Mesmo escrevendo há muito tempo, só agora Lica Sebastião se estreou em livro com *Poemas sem Véu*. Numa mistura de poesia e artes plásticas, Lica procura explorar as diferentes *[sic]* da arte e vai

³ <http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/caderno-cultural/10469-poemas-de-lica-sebastiao>. (Consultado em 02 de julho de 2015).

⁴ O site *Notícias Online* publicou 13 dos 50 poemas que compõem o livro de Lica Sebastião, a saber: “Saudade”, “Sem magia”, “A tua ausência”, “(In) Comunicação”, “Sequelas de acidente”, “A soleira da tua porta”, “Espera”, “Lembrança volátil”, “Ideia fixa”, “Resquícios de ti”, “Restos intactos”, “Emprestas-me um beijo”, “Retrato do meu amigo”, muitos dos quais falam sobre a saudade, como é sugerido também por alguns títulos aqui referidos.

⁵ <http://revistaliteratas.blogspot.com.br/2011/07/lica-sebastiao-estrea-com-poemas-sem.html>. (Consultado em 02 de julho de 2015).

desvendando os diversos momentos que fazem uma sociedade como se estivesse a celebrar sua própria existência.

Quem leu os versos de Lica Sebastião parece ir ao encontro da ideia expressa no prefácio de Noa de estarmos perante uma escrita que afirma de modo quase cortante a sua condição de poesia.

As fontes acima trazem poucas e rasas referências sobre Lica Sebastião. A elas se pode acrescentar a publicação do segundo livro, *Ciclos de Minha Alma: cidade, sol e vento*⁶ – em 2015.

Além de constar⁷ na lista bibliográfica da cátedra *Português – língua segunda e estrangeira* da Universidade Eduardo Mondlane, e de algumas aparições em jornais virtuais de Moçambique, principalmente a propósito de suas exposições de pintura, outra importante referência até então obtida sobre Lica Sebastião foi a matéria escrita por Inocência Albino, na plataforma *Verdade Mobile*⁸, em que, num tom mais jornalístico do que crítico-literário, o autor relata o impacto cultural presente no livro de Lica.

Vale referir também um estudo⁹ assinado pelo professor Albino Macuáqua: “Entre o Concreto e o Abstrato: a memória como imagem em *Poemas sem véu*, de Lica Sebastião, e *Memória Corporal*, de Roberto Pontes”, como o próprio título indica, propõe uma análise comparativa entre os poemas de Lica e os do brasileiro Roberto Pontes, cujo estudo é recortado pelas noções de abstração e concretude.

Destacados alguns dados biobibliográficos da autora, não pouco importantes para as nossas reflexões, devemos agora partir para a escrita dessa mulher, pintora e professora moçambicana. Diante dos textos de Lica, as reflexões de Pierre Bordieu se tornam inevitáveis, uma vez que essa produção literária, como tantas outras, não poderia ser vista fora da economia simbólica dominante, tão determinada pelo *masculino*. A literatura de Lica, caracterizada por aquilo a que Alice Jardine (1988: 184) chama de escrita como “operação feminina”, faz realmente uma operação discursiva a partir da qual o feminino passa de uma mera condição para constituir um lugar de enunciação literária,

⁶ Publicado pela Chiado Editora, em janeiro de 2015.

⁷ *Poemas sem véu* consta na lista da bibliografia básica para os estudantes de Português como língua segunda (estrangeiros ou não), o que corrobora o fato de os textos literários assinados por Lica Sebastião ter um lugar de importância em seu país.

⁸ Em: <http://iphone.verdade.co.mz/cultura/21494-de-pintora-a-poetisa>. (Consultado em 03 de julho de 2015).

⁹ MACUÁQUA, Albino. “Entre o Concreto e o Abstrato: a memória como imagem em *Poemas sem véu*, de Lica Sebastião, e *Memória Corporal*, de Roberto Pontes”. In MANHISSE, Nelson & REMÉDIOS, Jose dos. **O cruzamento de linhas paralelas – ensaios**. Maputo, Livangingo: 2014. pp. 47-59.

a qual se desdobra em várias imagens e sensações, poética e sinesteticamente articuladas dentro dos versos da escritora.

Para esta breve leitura, referirei aqui alguns textos presentes em seu primeiro livro, *Poemas sem véu*, publicado em Maputo no ano de 2011, e no qual a voz poética toma a saudade como uma temática recorrente, basilar e até mesmo simbólica. Se o *ser mulher* pressupõe, dentre tantas coisas, uma condição social, a saudade será aquilo que, nos versos dessa moçambicana, mais marcará tal condição, uma vez que os poemas de Lica Sebastião tomam esse sentimento, externo à obra literária, e fazem dele uma das fortes bases de sua criação poética, retomando não apenas uma, mas várias vozes das muitas mulheres moçambicanas com as quais a escritora convive e cujas histórias lhe marcaram a existência.

A propósito, “Saudade” é o texto que abre *Poemas sem véu* e enuncia-se nos seguintes termos:

Quando a saudade chegar
a querer fustigar
e mesclar a minha alma com melancolia
como se atravessasse o deserto ventoso,
de mil ocres, pastéis-alaranjados, amarelo-violáceos,
vou juntar todos os pedacinhos de ternura
que me deixaste no corpo e na memória
e com eles alimentar o meu coração.
Depois, no sossego do meu ser,
vou adormecer. (Sebastião, 2011: 12)

Caracterizando o “deserto ventoso” com cores cuja intensidade se perde na mistura, como se a melancolia “pasteurizasse” ou atenuasse o que antes foi vida, o eu lírico promete combater esse sentimento de ausência com a memória física e emocional de um passado bom. Aqui, o corpo é o espaço do afeto, das *pequenas ternuras* deixadas pela pessoa amada (o tu com quem o eu lírico dialoga), e é exatamente através do corpo que a saudade será combatida, até que, sossegado, ele adormeça.

Nesse poema, Lica Sebastião revela a vitalidade do corpo feminino em sua escrita, aproximando-se muito do que diz Isabel Allegro Magalhães:

Naturalmente, não há quem escreva sem a presença do corpo ou “fora do corpo”, mas o que os textos de autoria feminina parece revelarem é a inscrição de uma outra proximidade entre corpo e

linguagem, relativamente ao que conhecemos. A noção de *body-writing* (anglo-americana) ou de *corps-en-écriture* (Hélène Cixous) pretende assinalar esse modo próprio de incorporação do corpo na escrita e suas figurações: a experiência de uma escrita feita a partir do corpo, que liga de um modo vital escrita-vida-leitura (Magalhães, 2005, p. 19).

O poema de Lica propõe, sem dúvidas e hesitações, uma profunda aproximação entre corpo e linguagem. Em virtude disso, acontecem dois movimentos importantes nesse poema: a) alma e corpo são polarizados – a primeira padece as dores da saudade e o segundo é a fonte de cura para essa dor. É no corpo que o eu lírico junta as ternuras – boas lembranças do ser amado – e, depois, descansa; b) ao contrário de muitos discursos judaico-cristãos, o corpo não é motivo de culpa ou de condenação, de derrota ou perda, mas, no lugar da alma, ocupa um papel libertador. Por mais que seja arriscado dizer, e tendo em vista que Moçambique também tem as suas marcas cristãs (as quais convivem ao lado de uma forte tendência islâmica e expressões religiosas locais), Lica Sebastião, ainda que sem perceber – e talvez ela o tenha percebido –, quebra com um padrão de acordo com o qual o corpo seria reificado e visto como objeto de pecado.

“Resquícius de Ti”, por sua vez, traz em seus primeiros versos uma imagem de grande plasticidade, também encenando a dor advinda da ausência: “Brandi os braços no ar / como náufrago em desespero” (2011: 19). Nesses versos – cuja cena remete o leitor ao fato de que Lica Sebastião pinta não apenas com tinta e pincéis, mas também com a linguagem verbal – a saudade traz o desespero que leva ao naufrágio e à embriaguez. A compensação não é a memória do bom tempo, mas a auto-destruição para destruição da própria memória: “Bebi taças sem conta / de um vinho tinto qualquer / para esquecer beijos perturbadores” (*idem*).

No entanto, essa tentativa de apagar a memória – e consequentemente destruir a saudade – também ocorre no poema por uma espécie de purificação lustral: “Lavei-me toda com fragrâncias de alfazema; / Todavia, o acre da tua essência, / o acrílico das tuas telas / não se desprendem dos meus sentidos” (*idem*). Apesar disso, a memória olfativa e visual do ser amado impregnou de tal forma o eu lírico que não foi possível apagá-la e, consequentemente, eliminar a dor causada pela ausência. Mesmo quando empregando a ironia, forma também de corrosão de uma ideia, o poema informa a utilização de uma técnica bem mais moderna que o banho lustral: “Troquei o *sim card*”. Pois, logo a seguir, acrescenta: “em vão”.

Ao lado de “Resquícius de ti” e num tom distinto com relação a “Saudade”, o poema “Espera”, evidentemente, fala, sobre a dor de quem aguarda:

Amor,
embriago-me com os cheiros impuros da cidade
e com o vento do início do estio
e com o sal das lágrimas.

Espero por ti. (Sebastião, 2011: 16).

Mais uma vez, o embriagar-se, isto é, o procurar a perda dos sentidos, o estado de confusão mental, o torpor e até o sono é a solução encontrada para superar a dor da ausência. Agora, não por meio da busca do estado etílico ou através do banho lustral, mas por causa da tontura provocada pelo que chega ao eu lírico através do olfato, bem como pelo turvar da visão, provocado pelo “sal das lágrimas”. O último verso, finalizando secamente o poema, revela uma indeterminação temporal, de modo que esse eu lírico sabe que espera, mas não sabe até quando o fará – o valor semântico de “espero”, neste contexto, parece suspender o tempo, retirando da ação de *esperar* a possibilidade de *fim*, de modo que, para o eu lírico, a espera poderá ser para sempre ou, como diria Vinícius de Moraes, *quando*¹⁰. Os “cheiros”, “o vento” e “o sal”, elementos embriagantes, ao afetarem os sentidos, deixam ver um evasionismo marcado pela inscrição do corpo na escrita, cujo traço realça as idiosincrasias dessa mulher/autora que é Lica Sebastião.

Também do sentimento produzido pela ausência da pessoa amada, falam os versos de “Nos dias de chuva”¹¹: “A distância que nos separa / dilui-se com a memória / de cumplicidades... // Apenas nos dias de chuva / o teu nome morre-me nos lábios, saudoso.” (2011: 37). Se a distância opera a diluição, que poderia levar à nostalgia, sentimento difuso, impreciso, de falta, o elemento chuva, que poderia trazer um certo sentimento nostálgico, acaba por precisar a falta de alguém, isto é, a saudade. Há, porém, uma certa consciência da ausência e da dor, o que faz morrer o chamamento, embora, por meio da hipálage, a saudade seja transferida para o ausente.

As breves leituras aqui desenvolvidas não são mais que um caloroso convite à escuta dessa nova voz feminina na poesia de Moçambique. Entre as plasticidades da pintura e da literatura, Lica produz formas poéticas instigantes, significativamente

¹⁰ “Poética”, de Vinícius de Moraes, também propõe uma suspensão do tempo, nomeadamente quando o eu lírico afirma “Nasço amanhã / ando aonde há espaço / – *Meu tempo é quando*” (2011: 272).

¹¹ Poema dedicado a Jorge Paulo, um amigo de Lica.

construídas sobre os aspectos relativos à existência sócio-afetiva da mulher. Neste momento, e tendo em vista que o objetivo deste breve estudo foi também melhor compreender as literaturas africanas de língua portuguesa tomando o lugar social do gênero como uma nova maneira de olhar as formulações identitárias daquela produção literária, Lica Sebastião com certeza terá muito a dizer, tanto porque é um sujeito social que alcançou a própria enunciação literária dentro de Moçambique quanto por ser uma mulher a fazê-lo. A partir da sucinta leitura de alguns poemas da escritora, é possível concluir também que, na obra de Lica, a saudade ocupa um *topoi* muito singular, cujo espaço é delineado principalmente a partir das relações complementares entre corpo e ausência, corpo e morte ou corpo e embriaguez. Tais relações deixam ver, dentre tantos aspectos importantes, o fato de que a autoria de Lica é marcada por uma especial proximidade entre o corpo e outras instâncias afetivas da existência.

Bibliografia

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Lisboa, Quetzal, 2015.

JARDINE, Alice. **Gynesis: Figurations of Woman and Modernity**. Ithaca: Cornell University Press, 1988.

MACUÁCUA, Albino. Entre o Concreto e o Abstrato: a memória como imagem em 'Poemas sem véu', de Lica Sebastião, e 'Memória Corporal', de Roberto Pontes. *In* MANHISSE, Nelson & REMÉDIOS, José dos. **O cruzamento de linhas paralelas – ensaios**. Maputo: Livaningo, 2014. pp. 47-59.

MAGALHÃES, Isabel Allegro. Diferenças sexuais na escrita: ao contrário de Diotima. *In* **Actas de Colóquio Escrita de Mulheres**. Coimbra: Minerva Coimbra, 2005. pp. 1-23.

REIS, Carlos. A literatura como instituição. *In* **Conhecimento da literatura** _____. Coimbra: Almedina, 1950. pp. 17-99.

ROSARIO, Lourenço. **Moçambique: história, culturas, sociedade e literatura**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SEBASTIÃO, Lica. **Poemas sem véu**. Maputo: Alcance, 2011.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. **Teoria e metodologia literárias**. Lisboa: Universidade Aberta, 2011.

Outras fontes online:

<<http://iphone.verdade.co.mz/cultura/21494-de-pintora-a-poetisa>>. Acesso em 03 de jul. de 2015.

<<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/caderno-cultural/10469-poemas-de-lica-sebastiao>>. Acesso em 03 de jul. de 2015.

<http://www.catedraportugues.uem.mz/?__target__=bibliografia-literatura-moc>. Acesso em 03 de jul. de 2015.

<<http://revistaliteratas.blogspot.com.br/2011/07/lica-sebastiao-estreia-com-poemas-sem.html>>. Acesso em 03 de julho de 2015.

<<http://opais.sapo.mz/index.php/cultura/82-cultura/15265-lica-sebastiao-estreia-com-poemas-sem-veu.html>>. Acesso em 03 de julho de 2015.